THÁNATOS: A ARTE

Por

Luigi de Azevedo Lopes

***Seattle, 1994***

***Segunda-feira***

***50 F°, Chovendo***

***Previsão de chuva para toda a semana.***

O riff de abertura da música "Rooster" de Alice in Chains crepita através de um rádio de carro encharcado de chuva. A linha de baixo ataca na mesma velocidade em que as gotas de chuva batem no capô do sedã que um jovem conduzia.

***"Ain't found a way to kill me yet...”***

A cidade é fria, sem emoções ou expressões alegres, apenas o som do gotejo das águas vindas da chuva entendiante. Pessoas com rostos gastos, sem brilho, apenas caminhando para seus trabalhos, sem sorrisos. Apenas a vida pacata e monótona dos moradores da cidade de Seattle.

As ruas têm poças de que refletem o quão aquela cidade tinha uma energia negativa que permeava a vida da população. Tudo isso era do cotidiano que fazia parte de todos, porém, ninguém ali sabia o porque as coisas eram assim, elas apenas eram.

**EDDIE WALKER**, 24 anos, detetive recém-ingressado, olhos sombreados pela falta de sono, agarra o volante com força, lábios agitados com a cantoria no seu carro. A brasa de sua energia queima forte enquanto o refrão toca:

***"Yeah, here come the rooster..."***

Eddie berra como se fosse uma pessoa desprovida de vergonha dentro daquele carro. Suas emoções atravessam sua traqueia e são transportadas para fora de sua boca com uma potência impressionante, até porque, ele nunca teve talento para cantoria.

Ali, naquele carro, Eddie sentia que era feliz com seu rádio ligado. Todo o sentimento de solidão que permeava seu coração era expelido pelo som que chegava aos seus ouvidos vindos do rádio.

**9 minutos e 57 segundos depois…**

Eddie sente sua adrenalina começar a subir à medida que se aproximava do local. A confusão à frente era inevitável: ambulâncias, viaturas, policiais e uma multidão de curiosos já se reuniam. O cenário, como uma cena de teatro, estava armado — e ele se sente como o espectador que sabia que algo terrível acabou de acontecer no local.

Ele respira fundo, com o coração querendo pular pela sua boca de tanta ansiedade, Eddie fecha os olhos e tenta se tranquilizar. Após isso, Eddie pega os documentos e sai do carro. E, ao sair do carro, parece que um vento estonteante varre toda sua alegria que estava dentro daquele sedã com um pequeno rádio simples. Era como se medo, angústia e agonia passasse pela mente do jovem rapaz.

Eddie pisa sobre a chuva fria. Cada passo pesa. Cada rosto ao redor parecia mais pálido. O cheiro de sangue e chuva misturam-se no ar, ácido e frio. A cada passo, sentia-se mais afundado num pesadelo. Ele olha ao redor, vendo o vai e vem de policiais em busca de pistas, o murmúrio das pessoas falando entre si. Cada rosto parece marcado pela dúvida, pelo medo do que estava acontecendo ali, mas apenas um pessoa pode responder esse questionamento.

Eddie se aproxima mais da cena do crime, com as mãos no seu peito, como se tentasse se abraçar para se esquentar, o frio batendo em seu sobretudo, o clima de caos e as dúvidas, começam a afetar o humor de Eddie pouco a pouco, como se estivesse definhando sua energia. Uma ambulância saía enquanto ele se aproximava, mas ele não podia deixar de ver a expressão de uma paramédica, o olhar fixo e vazio, como se tivesse presenciado algo muito além do que a sua mente poderia processar.

E então, no meio de tudo isso, alguém passa ao seu lado. Um policial, visivelmente abalado, caminha apressado, mas com a cabeça baixa, as mãos tremendo. Seus passos estavam apressados, mas havia uma dor palpável em sua postura, como se carregasse um fardo imenso.

E naquele rápido e breve segundo, vendo aqueles olhos inchados e perdidos, Eddie sente um calafrio. Como se olhasse para o próprio futuro. E em meio a tudo isso que foi observado, Eddie tem uma certeza; Ele não queria estar ali.

O jovem respira fundo novamente, tentando entender o que acontecera ali. Ele quer perguntar, mas algo lhe dizia que não seria o momento certo. Algo estava profundamente errado. Ele segue em direção ao local, os olhos atentos a cada movimento, a cada indício de uma pista, mesmo sem saber exatamente o que procurar. O policial havia saído de cena, mas o que ele deixava para trás era mais que uma simples dor — parecia uma marca deixada para quem tivesse coragem de ver a verdade. Por algum motivo muito estranho, Eddie se identificou com o policial, porém ele não sabia explicar.

Eddie não tem certeza de tudo o que estava acontecendo ali, mas o que ele sente é algo pesado, algo sufocante. Ele sabe que não seria fácil, mas o que quer que estivesse por trás daquela tragédia, ele não poderia simplesmente ignorar. A verdade, mesmo dolorosa, tinha que ser trazida à luz.

Ele observa os policiais trabalhando, as luzes piscando ao redor, e a chuva que não dava sinal de parar. Ele está prestes a entrar naquele lugar, onde a vida e a morte se entrelaçam de uma maneira que ele ainda não entendia completamente.

Eddie decide tomar coragem e se aproxima da cena do crime e vê um corpo no chão, sendo levado para uma ambulância. Ao ver essa cena, Eddie tem vontade de vomitar, e ao mesmo tempo, sua ansiedade começa a aumentar rapidamente.

O corpo passa sendo carregado por alguns homens em direção à ambulância, coberto por uma lona preta, como uma censura ao absurdo que ocorreu no local. Ao seu lado, um policial que parece conhecer o homem morto, branda:

*-Vai com Deus, irmão!* - com um rosto de bravura, grato por ter vivido um pouco com aquele homem, porém ao mesmo tempo triste com a perda.

Eddie vendo essa cena, olha para uma poça de água no chão, olhando para seu próprio reflexo distorcido pelas gotas de água caindo, com um rosto pensativo, refletindo sobre sua vida.

O jovem vira seu rosto e pergunta ao policial:

*-O que aconteceu por aqui?* - Eddie pergunta com sua voz sutilmente trêmula, pois não é muito bom com pessoas.

*-Não sabemos direito, a informação confirmada é que um detetive como você foi morto por aqui* - diz o policial, querendo informar o jovem.

Eddie tem uma expressão de surpresa, pois não tinha a informação que era um investigador. Ele foi um pouco tomado pelo medo, pois o policial disse “um detetive como você”, o que poderia ter muitos significados ou apenas nenhum significado. Da mesma forma, Eddie está com medo.

*-Vamos, temos trabalho aqui.* - diz um homem que chega no local em que Eddie e o policial estavam.

**TROCA DE PERSONAGEM**

COLE PARKER, 40 anos, detetive experiente, rosto marcado por rugas que pareciam ter sido esculpidas pelo próprio sofrimento. Seus olhos, fundos e opacos, carregavam o peso de uma grande perda para aquele homem — como se cada lágrima derramada fosse arrancando sua força restante para suportar esse sentimento.

Ele chega em casa tarde, como sempre. A porta range ao se abrir, mas Cole não diz uma palavra. Sua esposa, sentada no sofá com a televisão ligada sem som, lança-lhe um olhar breve, sem expectativas. Ele não responde, nem com os olhos. Passa direto por ela como um fantasma atravessando paredes, pesado demais para ser ignorado, mas invisível o bastante para não ser detido.

No banheiro, Cole acende a luz amarelada e se encara no espelho. A imagem que o encarava de volta parecia de outro homem — alguém definhando, alguém consumido. Ele tira a roupa devagar, como quem desfaz camadas de uma armadura inútil, que parecia ter **um** **buraco** no traje, e entrou no chuveiro sem pressa.

A água quente cai pesada sobre suas costas, mas não traz alívio. Cole sente o nó na garganta, e as lágrimas começam a descer, sem controle. Ele chora com a boca fechada, os ombros sacudindo em silêncio, como se quisesse esconder até mesmo da água que caía. E, no fundo da mente, uma sensação amarga **fica maior**.

Cole esfrega a pele com força, mas a sujeira real não era o que mais o incomodava. Era a outra — a que não saía com água quente nem com sabão. A cada gota que escorre, a memória da cena volta mais nítida, mais cruel. E **quanto mais** pensa sobre a situação, mais pesado seu peito fica, como se o vazio dentro dele se aumentasse a cada lembrança, empurrando contra as paredes do seu corpo até quase não sobrar ar.

Ele pega a toalha e começa a se secar, os movimentos lentos, quase automáticos. As gotas desciam de sua pele como pequenos vestígios do que já não pertencia mais a ele. E enquanto **se tira** a água do corpo, as palavras voltam, afiadas e cruéis, ecoando na cabeça como marteladas.  
 Sem muito o que fazer, Cole finalmente sai do seu banho e vai para sua cama, tentando se proteger do sentimento estonteante que aguça seu peito.

A cama está fria. O colchão afunda ligeiramente sob o peso de seu corpo, mas Cole não sente nenhuma diferença, nenhuma sensação de conforto. O quarto está imerso em silêncio, exceto pelo som suave da respiração ofegante que ele tenta controlar. Cada respiração parece forçada, como se ele estivesse exalando não apenas ar, mas todo o peso que havia acumulado ao longo dos anos.

Ele fecha os olhos, tentando se afastar da dor que o acompanha constantemente. Mas, como sempre, o sono não vem facilmente.

A mente de Cole vira um campo de batalha. O que ele quer é o alívio do descanso, mas o que seu corpo e sua alma estão preparados para enfrentar é o tormento de suas memórias. Ele não pode escapar delas, não pode fugir do que havia feito, do que havia sido — não sem enfrentar a verdade.

Ele se vira de lado, tentando se ajustar à posição, fecha os olhos, e as lembranças surgem como uma onda furiosa, puxando-o para as profundezas.

E, então, ele está lá. Não na cama, mas em outro lugar, em outra época. Um lugar onde o passado nunca morre.

**TROCA DE LINHA DO TEMPO**

Escuridão.

O silêncio da noite é quebrado apenas pelo som abafado de uma risada — uma risada jovem, sincera, quase esquecida no tempo. E então, como se a mente de Cole rasgasse o presente e voltasse para onde tudo era mais leve, ele está lá. Não mais em sua cama fria, mas em um banco de madeira, num fim de tarde dourado de verão.

**Seattle, 1978.**

**Parque Gas Works.**

Cole tem 22 anos. O cabelo castanho ainda espesso, os olhos vivos, o cigarro torto no canto da boca. Ao seu lado, rindo de algo estúpido que ele acabou de dizer, está Layne, 23 anos — mais alto, mais expressivo, sempre com alguma frase sarcástica na ponta da língua e uma mania irritante de cantar mal músicas que amava.

Eles dividem uma cerveja morna, roubada do frigobar do chefe da delegacia onde trabalhavam como cadetes. Ainda não eram detetives. Ainda não carregavam os pesos que viriam.

Ali, eram apenas dois jovens tentando entender o mundo, fazendo piada da própria miséria.

— Se a gente morrer antes dos quarenta… — começa Layne, cuspindo farelos de pão. — Espero que seja numa explosão.

Cole nem mexe o pescoço. Só vira os olhos devagar.

— Uma explosão? — pergunta.

— É. *BUM*. Nada de velório, nada de caixão. Só uma cratera no chão e a polícia tentando montar nossos pedaços como se fosse um quebra-cabeça com peças faltando. Algo... cinematográfico.

— Cinematográfico? Eu quero mesmo é morrer de ataque cardíaco durante o sexo — responde Cole, seco, sem pensar.

Layne gargalha alto, batendo a mão na perna.

— Classudo e romântico. Isso é que é morrer por amor — os dois caem na risada, jogando migalhas de pão para os patos que passavam por perto.   
 — Literalmente — acrescenta Cole, agora com um sorrisinho de canto.

— Mas pensa comigo... quem é que vai contar essa história depois? Tipo... quem vai estar lá pra ver a explosão e dizer: “esses caras foram embora como estrelas cadentes”? Porque, se ninguém ver, foda-se, é só mais uma tragédia. Agora, se tiver plateia... aí vira lenda.

Cole joga uma migalha de pão pro pato mais próximo, que ignora completamente.

— A gente precisa de plateia pra tudo agora?

— Claro que sim! — Layne abre os braços, teatral. — Você acha que a gente vive por nós mesmos? Que nada, a gente vive pra virar história de bar, meu chapa. Se ninguém contar, nunca aconteceu.

Cole olha pra ele como se quisesse responder com um soco leve no braço, mas só balança a cabeça.

— Você devia escrever essas merdas — diz Cole.

— Já tentei. Tudo acaba virando roteiro de filme ruim. Sempre tem um policial traumatizado e um vilão filosófico demais.

— A vida real é bem isso aí.

Layne ri de novo, mas dessa vez é um riso mais calmo. Ele observa um pato coxeando para longe, com uma asa meio torta.

— Sabe o que me deixa puto?

— Vai falar que é o sistema?

— Não. É que, no fundo, a gente sabe que vai morrer de um jeito idiota. Tipo escorregando no banheiro. Ou tomando um tiro por engano numa batida de carro que nem era nossa.

Cole pensa por um segundo. Olha o horizonte, as nuvens ficando pesadas.

— Bom... se for pra morrer de um jeito idiota, que pelo menos seja tentando fazer algo importante.

— Tipo?

— Tipo... impedir um crime. Salvar uma criança. Ou derrubar um maluco de cima de um prédio.

Layne sorri, pega um cigarro do bolso, acende.

— Ou derrubar a porra de um sistema podre de dentro.

— Aí você voltou pro roteiro ruim — diz Cole.

— Foda-se. É o melhor roteiro que eu tenho.

Os dois ficam em silêncio por um tempo, só ouvindo os sons da cidade ficando mais escuros, mais frios. Layne dá uma tragada longa, solta a fumaça com gosto.  
  
 — Ei, se eu morrer primeiro, você me promete que não vai deixar meu túmulo parecer com o de um fracassado?

— Prometo. Vou enterrar você com um charuto cubano na mão e escrever na lápide: *"Layne. Filho da puta, mas dos bons."*

Layne sorri, satisfeito.

— E assim, eu descanso em paz.

Cole cruza os braços.

— E você? Vai fazer o que se eu for primeiro?

Layne olha pro horizonte.

— Vou escrever um livro. Chamado "Meu melhor amigo era um pé no saco."

Eles riem. Riem alto, solto, do jeito que só se ri quando a vida ainda não doeu o bastante. Quando o futuro é só uma ideia vaga, e a morte parece um conceito distante, engraçado até.

E naquele instante, entre um pato desinteressado, um pôr do sol gasto e o cheiro de cigarro barato, Cole sente — mesmo que só por um segundo — que Layne seria eterno.

Layne era o tipo de amigo que invadia a sua casa sem bater, colocava uma cerveja na sua mão antes de você pedir, e fazia você rir mesmo nos piores momentos.

Ele tinha um jeito desajeitado de demonstrar carinho, mas estava sempre lá — seja para ajudar a esconder uma burrada ou para ficar em silêncio ao seu lado quando palavras não bastavam.

Em uma noite qualquer daquele mesmo verão, eles sentaram na beira de uma ponte sobre o Lago Union. Estavam cansados do plantão, sujos, famintos, mas com uma garrafa de bourbon barato nas mãos.

— Você acha que a gente vai durar aqui? — pergunta Cole.

— Em Seattle? Ou na polícia?

— Nos dois.

Layne pensa por um momento e dá um gole longo.

— Eu acho que a gente vai durar um no outro.

Silêncio. Só o som da água batendo nas estruturas de metal. Aquilo ficou marcado.

Porque ele estava certo.

— Ei, seu desgraçado! Vamos no Valvet’s Bar.

Layne abre um sorriso no canto de sua face.

— Fechô, seu maldito.

**22h (10 da noite)**

Um bar velho, sujo o suficiente para ter charme. Luzes avermelhadas, uma jukebox toca *The Doors* baixo demais pra incomodar. Layne e Cole estão na mesma mesa há mais de duas horas. Cervejas vazias se acumulam como provas de um crime. Cole está jogando casca de amendoim num copo, errando todas.

Layne olha pro balcão e assobia.

— Ei, Red! Mais duas!

A garçonete, ruiva, sem paciência e com uma tatuagem de morcego no pescoço, apenas levanta o dedo do meio. Eles riem.

— Você vai casar com essa mulher ainda — diz Cole.

— Casar, não. Talvez ser assassinado por ela. Mas com estilo — Layne sorri. — Imagina só: “Homem morre esfaqueado com o próprio canivete. Suspeita usava coturno e batom vinho escuro.”

Cole olha de canto, dando um gole na cerveja.

— E aí ela escreve um livro depois. “Como matei o idiota que amei”.

— *Best-seller*. Vai passar o seu livro sobre mim rapidinho.

— Duvido. O título do meu vai ser “Manual de Sobrevivência a um Amigo Disfuncional”. Vai ter até ilustração.

Layne faz um brinde imaginário.

— Ao disfuncionalismo.

— Ao caos funcional — responde Cole, brindando de volta.

Na saída do bar, Cole encosta na parede de tijolos úmidos. Ele tira um maço amassado de cigarros do bolso do casaco.

Layne cambaleando de leve, aponta pro maço com a confiança de quem acha que é sóbrio.

— Me dá um - diz Layne.

— É o último.

— Então me dá metade.

— Como assim metade? - Cole levanta o tom de voz.

— Acende, dá duas tragadas e depois me passa. Amizade é isso, porra.

— Amizade é dividir comida. Cigarro é... cigarro é ritual.

— Então faz o ritual logo, padre.

Cole revira os olhos, coloca o cigarro na boca, acende com o isqueiro de metal que já viu dias melhores — CLIC — mas nada acontece. De novo. CLIC. Nada.

Ele balança o isqueiro como quem ameaça a alma dele. Finalmente, CLIC — uma labareda minúscula acende o cigarro.

Ele acende o cigarro, traga, e quando vai passar pro Layne... o cigarro descola do filtro e cai na calçada molhada. *PSSSSCHHHH*.

Silêncio.

Layne olha pro chão como quem perdeu um cachorro.

— Caralho, mano... ele morreu tão jovem. - diz Layne com uma tristeza engraçada.

— Enterra, vai que volta! - retruca Cole em tom irônico.

Layne levanta os braços pro céu.

— DEUS, É ISSO QUE VOCÊ CHAMA DE IRONIA?

Cole tira outro cigarro do bolso — *o penúltimo* — e entrega pro Layne.

Layne acende com a labareda que agora funciona de primeira, dá uma tragada longa, fecha os olhos e solta a fumaça como se tivesse recebido o perdão de todos os pecados do mundo.

— Sabe, às vezes eu penso... — Layne diz, com a voz mais baixa agora. — ...se a gente não tá só ocupando espaço. Tipo... figurantes na nossa própria história.

Cole senta devagar na calçada.

— Tem dia que eu sinto que tô andando de costas. Tipo... eu tô indo, mas não sei de onde vim nem pra onde tô indo. Só sei que não quero cair.

Layne para. Olha pro amigo.

— Você já caiu?

— Já. — Cole traga fundo.

— E você tava lá pra me levantar.

— Então se eu cair, você levanta?

— Só se você não tiver muito pesado.

Layne ri. Mas o sorriso morre mais rápido que antes.

— Cara... eu tenho sonhado com minha própria morte.

Cole vira de lado. Fita ele por um tempo.

— Tipo... como?

— Vários jeitos. Às vezes num beco. Às vezes em casa, sozinho, sangrando devagar. Mas em todos, eu tô com medo.

— Todo mundo tem medo.

— Não você.

Cole pausa. Joga o cigarro fora.

— Eu só disfarço melhor.

Silêncio. Só o som da cidade. A noite avança como um predador.

— Eu não quero morrer anônimo, Cole — diz Layne, com um tom que não era brincadeira. — Nem esquecido. Nem como estatística. Quero deixar alguma porra de marca. Nem que seja uma mancha.

Cole encara ele por um segundo. Depois diz:

— Então deixa comigo. Se você morrer primeiro, eu pinto seu nome na parede de cada maldito beco dessa cidade.

Layne sorri, dessa vez com algo entre orgulho e tristeza.

— E se for o contrário?

— Aí você faz o mesmo. E escreve: “Aqui morreu o último bom filho da puta”.

Eles se encaram. Um aperto de mão, rápido, mas cheio de verdade. A amizade dos dois é como aço enferrujado: imperfeita, mas inquebrável.

**3 dias depois**

O apartamento é pequeno, mas arrumado. Discos espalhados, livros empilhados, uma guitarra encostada num canto. Layne prepara dois cafés. Cole está no sofá folheando um caderno velho cheio de anotações do amigo.

— “Teoria do caos emocional”... que porra é isso aqui?

— Ah, isso? Minha tentativa de transformar minha instabilidade em ciência.

— Cara, você devia cobrar por essas frases.

— Já cobro. Chama terapia.

Cole ri.

— Então me passa o contato. Tô precisando.

Layne entrega uma caneca de café, e os dois ficam olhando pela janela. Lá fora, Seattle vai ficando mais cinza conforme o dia morre.

— Você já sentiu que a cidade quer te engolir? — pergunta Layne.

— Todo dia. Mas aí eu lembro: eu sou o osso atravessado na garganta dela.

Eles brindam com as canecas.

— A nós — diz Layne.

— Aos malditos — responde Cole.

A imagem de Layne no sonho de Cole começa a se desfazer na penumbra. O som distante da chuva vai ganhando forma, misturando-se ao murmúrio da cidade que desperta.

Enquanto o rosto de Layne se esvai, o olhar de Cole permanece fixo, preso naquele instante — mas o mundo ao redor começa a invadir o sonho.

Do outro lado da cidade, Eddie ajusta a lanterna no bolso do casaco, o olhar atento à cena diante dele. A chuva fina molha seu capuz, o ar frio da manhã carregando o peso da noite que acabou de passar.

A sirene distante se mistura ao som da chuva, enquanto Eddie respira fundo, pronto para começar os trabalhos.